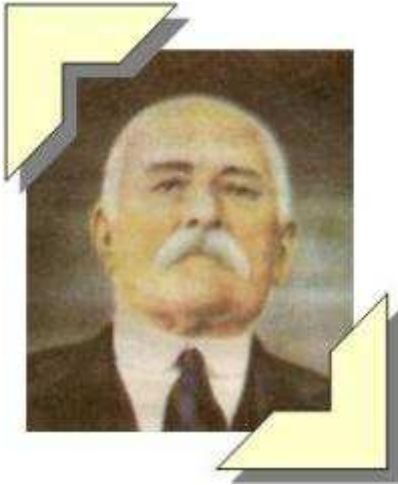


Jerónimo Ribeiro



Jerónimo Ribeiro nasceu a 17 de Março de 1854, em Lamas, concelho de Penela, distrito de Coimbra. Aos 23 anos casou com D. Maria Rosa da Conceição Oliveira, natural do mesmo concelho. Antes do ano 1888, decidiram emigrar para o Brasil, em busca de uma vida melhor.

Ali chegados, fixaram residência no estado de São Paulo, conseguindo aí construir uma vida melhor, ao serem os donos de um armazém de produtos alimentares. Em 1888 nasceu-lhes uma filha, Alice. Quando esta tinha 16 anos e devido a uma doença de que não se conseguia curar (possivelmente anemia ou astenia), os pais decidiram que ela e a mãe voltassem para Portugal, para a terra natal. Um ano depois, Alice casou-se com um estudante de medicina de Coimbra, contrariando a vontade do seu pai e dá-se um corte de relações na família. Até ao fim da vida de Jerónimo

Ribeiro nunca mais se viram, passando a comunicarem-se apenas por carta.

Entretanto, este conheceu Anália Franco, a grande senhora da educação brasileira, tendo passado a prestar uma colaboração activa nas suas obras, o que viria a exercer uma enorme influência em todo o seu posterior trabalho.

Era um médium que possuía diversas facetas desta faculdade, como a clariaudiência, a psicografia e ainda a mediunidade de cura; tornou-se um verdadeiro peregrino espírita, ao dedicar-se à divulgação da Doutrina por quase todo o Brasil.

Viajou pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais, Espírito Santo e muitos outros, utilizando o comboio, o carro, e até o barco. Vendia revistas espíritas e com o dinheiro que arrecadava dessa venda, ajudava crianças, idosos e doentes mentais. Tudo o que recebia, fosse em dinheiro, fosse em géneros, destinava-o a estas duas missões: divulgar e ajudar.

Pensa-se que chegou a Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo, no fim do ano de 1912, e ali veio a construir uma grande obra, obra esta que já lhe tinha sido antecipada pela Espiritualidade Superior, através da sua clariaudiência.

Assim que chegou foi apresentado a um grupo de espíritas, fundadores do Centro Espírita "Fé, Esperança e Caridade". Indo haver eleições para uma nova direcção, Jerónimo Ribeiro foi eleito presidente e, em três meses, conseguiu construir uma sede para o Centro pois, até então, os frequentadores do mesmo reuniam-se em casa do anterior presidente. Propôs e foi aceite, que se alterasse o seu nome para "Associação Espírita Beneficente e Instrutiva", a fim de conjugar esforços para continuar a auxiliar quem precisava.

A partir deste momento, Jerónimo Ribeiro – tendo sempre em mente o trabalho de Anália Franco – conseguiu fazer uma verdadeira revolução: para além das tarefas inerentes a qualquer Centro Espírita, abriu uma escola primária gratuita, cujos alunos eram não apenas crianças, mas pessoas analfabetas de qualquer idade; inaugurou um albergue nocturno, para quem chegava à cidade e não tinha onde dormir; criou a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo; fundou a revista Alpha, e abriu um asilo para acolher órfãos, idosos e doentes mentais.

O seu trabalho era tão extraordinário que até o Governador do estado o reconhecia como tal, traduzindo-se esse reconhecimento na doação de verbas para ajudar a cobrir as despesas (visto que tudo era grátis) e mandando-lhe doentes mentais para o seu asilo, onde a taxa de cura era de cerca de 40% ao ano!

Mas, como em tudo, há sempre espinhos... Alguns fanáticos religiosos – na altura a Igreja Católica tinha muita força –, várias pessoas invejosas e até, médicos, todos o perseguiram... Tão depressa era porque curava doentes utilizando a homeopatia e os conhecimentos adquiridos com a Doutrina Espírita, como era porque divulgava a Codificação pelos quatro cantos do Brasil!

Estabeleceu o estudo sistematizado das obras de Kardec, por forma a que todos tivessem acesso ao mesmo. E abriu ainda um sanatório para as crianças doentes do asilo e um

cemitério, pois anualmente faleciam cerca de 20% dos idosos e doentes mentais que acolhia nas suas instituições.

Quando desencarnou, no dia 5 de Outubro de 1926, em Cachoeiro de Itapemirim, devido a paragem cardíaca, contava 72 anos de idade e ainda tinha o projecto de abrir uma colónia agrícola, abertura essa que foi levada a cabo após o seu falecimento.

Foi enterrado como sempre tinha dito que queria ser – enrolado num lençol branco, no talhão reservado aos mendigos.

A cidade inteira compreendeu que perdia um grande amigo, a quem, ainda em vida, tinham reconhecido como sendo um apóstolo do Bem.

Com o passar do tempo, todo o seu trabalho foi sendo reconhecido, inclusivamente pelo próprio Governo, que concedeu o estatuto de utilidade pública a diversas instituições suas, angariando-se deste modo umas quantias que muito as beneficiaram e contribuindo para que algumas delas pudessem ter sido ampliadas.

Depois da sua morte, uma das ruas que percorria descalço – para poupar as solas dos sapatos – a pedir dinheiro para a manutenção das suas obras, assim como as instituições que fundou, passaram a ter o seu nome.

Do Outro Lado da Vida, continuou a ajudar quem cá ficou a prosseguir com as suas obras, pois afinal o seu lema sempre foi: **"O trabalho constante dá-nos força permanente"**.

Aqui fica, como recordatória, mais um extraordinário exemplo de um trabalhador espírita português em terras de Vera Cruz!

In: Revista Verdade e Luz nº 6